



Fisco Crise leva UE a avaliar “paraísos fiscais” domésticos

Economia, 24/25



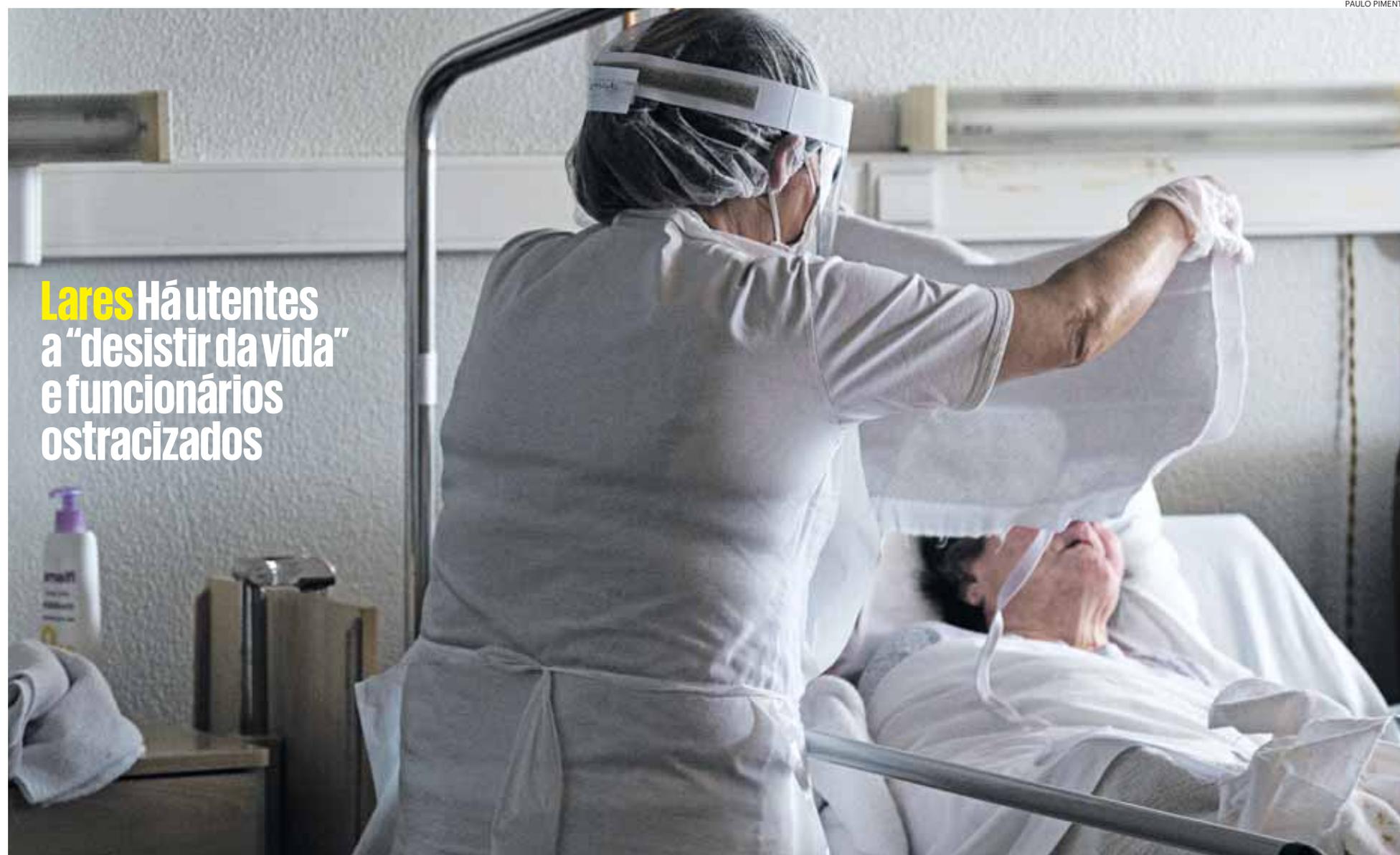
Coreia do Norte Kim desaparecido reaviva debate sobre sucessão

Mundo, 27

Porto Pandemia expõe drama da mendicidade

Local, 22/23

PAULO PIMENTA



Lares Há utentes a “desistir da vida” e funcionários ostracizados

Alunos do 11.º e 12.º na escola a 18 de Maio e creches abertas a 1 de Junho

Estratégia de abertura progressiva reabre pequeno comércio a 4 de Maio e grande a 1 de Junho • Mortalidade acima da média foi moderada em Portugal e extremamente alta noutros países • Lar de Matosinhos pede ajuda em quadro de “bastante gravidade” • África é um continente desprotegido perante a covid-19

Destaque, 2 a 13 e Editorial • Acompanhe em publico.pt/coronavirus

DESTAQUE

CORONAVÍRUS

Lares de idosos: há utentes a “desistir da vida” e funcionários ostracizados por colegas e pela família

O custo da covid-19 nos lares vai muito para além dos mortos e infectados. As demências estão a agravar-se entre os utentes. Quanto aos funcionários que cuidam dos infectados, são marginalizados. Nalguns casos, a família fechou-lhes as portas

Reportagem
Natália Faria (texto),
Paulo Pimenta (fotos)

A gata amarela que se passeia pelos corredores do Lar dr.^a Leonor Beleza, em Santo Tirso, é hoje o único resquício de normalidade na instituição. “Tudo o que contribuía para um ambiente familiar e de casa desapareceu: o lar tornou-se frio e distante”, lamenta Ana Luísa Carvalho, coordenadora desta estrutura criada em 1986 pela Santa Casa da Misericórdia, para acolher utentes com grandes dependências. Aos estragos causados pelo novo coronavírus (que infectou 28 funcionários e 44 utentes, dos quais sete morreram), soma-se a preocupação pela deterioração mental e cognitiva dos que recuperaram ou que nem chegaram a ser infectados. “O declínio é evidente. Há utentes que deixaram de permitir a colocação de próteses dentárias, porque deixaram de reconhecer os funcionários, outros que deixaram de se alimentar e aos quais tivemos que colocar sondas. Faltam-lhes as rotinas, as visitas dos familiares e muitas das actividades

que promovíamos para os estimular”, resume.

Mal escondidas pela máscara, as olheiras em torno dos olhos de Ana Luísa acusam muito cansaço. Esta psicóloga trabalha 12 a 16 horas por dia, desde que, no dia 16 de Março, foi detectado o primeiro caso de contágio pelo coronavírus num dos colaboradores da instituição. “Tomámos cedo a decisão de não retirar nenhum utente daqui. São pessoas muito frágeis, alguns dos quais só com a deslocação teriam falecido”, explica. Mas, com uma equipa drasticamente reduzida, foi difícil garantir os cuidados necessários aos utentes. Entre a coordenação geral dos trabalhos, a procura por máscaras, testes, viseiras e batas que não se encontravam no mercado, o atendimento telefónico dos familiares que começaram a ligar aflitos quando as primeiras mortes foram conhecidas, Ana Luísa arregaçou as mangas e deu banho e comida aos utentes, mudou-lhes fraldas. De uma hora para a outra, o lar fechou-se sobre si próprio, sem que do lado de lá da Linha SNS 24 alguma voz se disponibilizasse a ajudar. “O primeiro doente suspeito esteve sete dias à espera de ser testado”, recorda. E garante que,

sem os pequenos gestos heróicos dos funcionários do lar, “sem a parte humana que os levou a dedicarem-se aos utentes, muitos mais teriam morrido”. É uma ideia que há-de repetir variadas vezes, sublinhando que, num corpo de 67 funcionários com uma média de idades perto dos 60 anos, e entre os quais abundavam os motivos para se resguardarem em casa (por serem imunodeprimidos, terem familiares doentes ou pais idosos, por exemplo), “todos quiseram ajudar”. “Aliás, entre os 28 que acabaram por ficar infectados, muitos queriam continuar aqui, nós é que lhes tivemos que explicar que, em termos éticos, isso não era possível.”

Ana Luísa deixou de ver a filha, para acautelar o risco de contágio. Mas, durante esta pausa que faz no seu gabinete, lembra que a batalha que estão a travar vai muito para além do combate à transmissão do coronavírus. E é uma batalha que está, em boa parte, perdida. “Estamos a conseguir salvar as pessoas e a protegê-las em termos de saúde, mas elas nunca mais serão o que eram. Temos demências que se estão a agravar imenso”, nota.

A factura da covid-19 já vai muito



acima dos sete utentes que morreram. “Termos perdido sete pessoas, neste universo de 93 utentes, é uma vitória, mas sinto que vamos perder muitos mais porque estamos a vê-los todos os dias a desistir da vida.”

Salvar estes idosos do contágio implica expô-los a muitos outros perigos cujos efeitos são igualmente letais: “Muitos sentem que a família os abandonou, por mais que tentemos explicar-lhes o que se passa lá fora. Mas eles não vêem as lojas fechadas e as ruas vazias como nós vemos.” E porque alguns dos

utentes “só reagem à gata”, que é o único ser vivo que se passeia pelo lar dispensando máscara e viseira, os funcionários incluíram no seu rol de tarefas desinfetar-lhe as patas sempre que a vêem. Como todas as portas foram abertas, para minimizar o contágio por via do toque nas maçanetas, Beleza – assim se chama a gata – sobe e desce os pisos, sem distinguir entre os que acolhem infectados e os restantes.

Medo e portas fechadas
As autoridades sanitárias



acordaram tarde para a realidade dos lares. Das 820 mortes registadas até quinta-feira passada, 327 foram de utentes de lares. São quase 40%. E, neste lar, parece confirmar-se aquilo que as entidades que tutelam estes lares vêm repetindo: a situação foi inicialmente descurada pelo Ministério da Saúde (MS).

No início da pandemia, quando surgiu a suspeita do primeiro caso de contágio num dos utentes, com a Linha SNS 24 a recusar prescrever o teste, o doente foi isolado. “Ao fim de sete dias, conseguimos fazer nós

o teste, a expensas próprias, porque sabíamos que o lar era um rastilho”, recua outra psicóloga, Sara Almeida e Sousa, recordando os “dias tenebrosos” em que havia 93 utentes vulneráveis para proteger e “não havia testes nem máscaras nem viseiras nem gel desinfetante que se pudessem comprar nem um delegado de saúde” que se disponibilizasse a ir ao local. Quando conseguiram, finalmente, arranjar no mercado os testes, perceberam que havia os referidos 44 utentes e 28 colaboradores infectados. Por essa

altura, em obediência ao respectivo plano de contingência, já os familiares dos utentes estavam impedidos de entrar. Para colmatar as falhas de pessoal, as equipas passaram a fazer turnos de 12 horas. “No início, houve pessoas com vinte e tal anos de experiência a entrar em pânico e a fugir. Peguei em quatro das funcionárias mais experientes, que já tinham tratado doentes com sida, e disse-lhes ‘Alguém vai ter de continuar aqui’. Chorámos todos, mas era preciso reagir.”

E reagiram. Os utentes infectados foram transferidos para o piso superior, os elevadores desligados. A passagem de turno passou a ser feita por telefone e por via do livro de ocorrências. O telefone tocava ininterruptamente sem mãos que o atendessem. “Cheguei a estar até às duas da manhã a devolver chamadas. A primeira coisa que lhes dizia era ‘Respire fundo’ porque já sabia que aquele filho ou marido ou irmão tinha estado dois ou três dias a tentar telefonar”, recorda Ana Luísa.

Aos funcionários que ficaram e àqueles que entretanto vieram de outras valências da Santa Casa, foi pedido que lavassem a bata todos os dias a 60 graus. À entrada, passaram a tomar banho e a medir a temperatura. Vencido o medo, veio o desconforto de terem de alimentar e lavar idosos tolhidos por máscaras, viseiras, protectores de cabeça e batas descartáveis em cima da bata normal. Mas o pior foi que, nas ruas da cidade, dentro do próprio lar e até nas respectivas famílias, muitos passaram a ser encarados como leprosos. “Uma das funcionárias, que mandei por precaução, veio para trás a chorar porque o marido e a filha não a deixaram entrar em casa”, recorda Ana Luísa. “Quando tentámos telefonar-lhes, a filha tinha desligado o telefone. E o marido alegou que, se ela tinha sido contagiada aqui, tínhamos de lhe arranjar um quarto para dormir.”

Noutro caso, um marido passou a recusar a comida que a funcionária fazia em casa com medo de ser contagiado. “Todos os funcionários foram marginalizados. O isolamento que sentimos, para além de tudo o que estávamos a viver dentro do lar, foi uma coisa

inimaginável”, descreve a psicóloga. Ainda é. A estigmatização começa dentro do próprio lar. “Os colegas dos outros pisos, se nos virem chegar aos vestiários, desaparecem logo ou não chegam a entrar”, confirma Adelaide Babo, uma ajudante de lar, 44 anos, regressada ao “piso dos infectados” depois de ter sido dada como curada da infecção. No corredor da ala masculina, Adelaide recorda que a única dificuldade respiratória que sentiu foi quando o seu teste deu positivo. “Fiquei aflita, não por mim, mas pela minha família e pelos utentes. Gosto muito deles.” A máscara que lhe esconde o rosto deixa adivinhar o sorriso quando conta que a primeira pessoa a quem ligou a anunciar que o segundo teste dera negativo foi a coordenadora do lar. “Nem esperei para contar ao meu marido. Queria era voltar a trabalhar.” Ainda hoje, tantas 12 horas seguidas passadas a trabalhar entre infectados, dá por si a chorar. “Fico sempre admirada e contente ao ver como eles estão a ficar melhor. No primeiro dia do regresso ao trabalho, voltei contente para casa porque a dona Célia conseguiu segurar-se muito bem sozinha no banho. Para a idade que têm, os heróis são eles”, diz.

Na ala feminina do mesmo “piso de infectados”, Rosa Costa, 62 anos, que também já se habituou a ver o vestiário esvaziar-se como que por magia quando chega a sua vez



Uma das funcionárias veio para trás a chorar porque o marido e a filha não a deixaram entrar em casa

Ana Luísa Carvalho
Coordenadora do lar

de se preparar para regressar a casa, garante que o que lhe dói mais é ter de olhar para a cama deixada vaga pela utente a que chamava sua. “Cria-se uma família cá dentro. E há alguns a que nos apegamos mais”, desculpa-se. Vale-lhe perceber que, na sua maioria, os infectados estão a recuperar. Cinco deles, aliás, já voltaram ao “piso normal”. Deverá ser em breve o caso da utente que vemos sentada a uma mesa, muito direita, rádio e auscultadores na cabeça. “Foi uma das que foi para o hospital e que julgávamos que não conseguiria dar a volta. Tem 91 anos. Mas, como vê, está ótima. E voltou a ouvir a música de que gosta”, alegra-se.

No corredor, Phil Collins canta *Take a look at me now*. Mesmo sabendo que o que a esperava eram lágrimas, Augusta Silva, outra “ajudante de lar” que, aos 61 anos, tinha “metido os papéis” para a reforma, antecipou o regresso de férias ao trabalho quando a pandemia começou a somar vítimas dentro do lar. “Não vou esconder que me assustava isto tudo, até porque tenho uma filha com paralisia cerebral e um marido com diabetes”, reconhece. Mas deu a volta ao medo. Agora, só entra em casa depois de ter tomado banho num wc exterior e já de pijama vestido. Come sozinha. Nas folgas, senta-se com a família, mas numa ponta afastada da mesa. “Também não ando muito chegada ao homem”, brinca, retomando a distribuição das refeições.

Maria de Fátima, que está agora a limpar a copa do lar, passou a dormir na sala. Com 54 anos e um marido diabético, trabalhava num infantário que entrou em *layoff*. Quando foi requisitada para o lar, chorou. “Vir das crianças para aqui foi uma mudança radical”, defende-se. Nos dias seguintes, já a trabalhar no lar, “o nervoso era tanto que não parou de sangrar do nariz”, recorda Ana Luísa. A agora “ajudante de lar” não nega. Mas garante que, ao fim dos primeiros dias “a fazer tudo o que viesse à rede”, se apercebeu da importância de estar ali. “Os idosos precisam de nós. Precisam de nós para sobreviver. E quando chegar a nossa vez como vai ser?”.

nfaria@publico.pt